

2036

Jornada após a Data Limite

© 2018 – Dalmo Duque dos Santos

2036: Uma jornada além da Data Limite

Dalmo Duque

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
[vendas@edconhecimento.com.br](mailto: vendas@edconhecimento.com.br)

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Mariléa de Castro
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-430-0
1ª Edição – 2018

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Santos, Dalmo Duque

2036: Uma jornada após a Data Limite / Dalmo Duque dos Santos — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2018.

190 p.

ISBN 978-85-7618-430-0

1. Ficção espírita 2. Profecia - Ficção I. Título

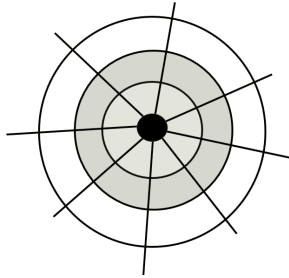
18-312

CDD – 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção espírita 133.93

Dalmo Duque



2036

Jornada após a Data Limite

(Ficção Profética)

Sumário

Prólogo	7
1 Catalismo	9
2 Fuga	19
3 Burgo Esperança	49
4 Torres do tempo	71
5 Advenas	91
6 Pindoramas	105
7 Alienígenas	115
8 Passarolas	129
9 Marco zero	145
10 Krenák	161
11 Nova morada	177
12 Epílogo	189

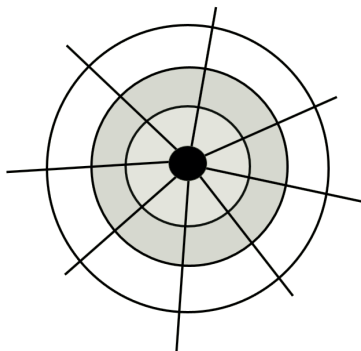
Prólogo

Após 2036, com uma grande guerra ocorrida no Oriente Médio e parte da Ásia, acontecem graves mudanças no planeta causadas, também, pelo cataclismo e alterações climáticas nas regiões polares e no Hemisfério Norte.

Mais da metade da população da Terra sucumbe a esses eventos e a maioria desencarnada é atraída pelo Planeta Intruso e higienizador que se aproximou da Terra.

Os sobreviventes dessas tragédias passam a ser um grande contingente de nômades que buscam ocupar os espaços não atingidos pelas catástrofes. Um enorme deslocamento humano ocorre em direção aos trópicos, ocupando a América do Sul, a África e a Oceania, provocando uma nova redistribuição territorial e o convívio de culturas.

Esta é a história da fuga de alguns brasileiros que habitavam o litoral e da sua jornada em direção às novas fronteiras do Brasil. No caminho, eles descobrem que não estão sozinhos e que podem, juntamente com seus novos parceiros, se tornar a base e o futuro de uma nova civilização.



1 Cataclismo

Éramos um compacto grupo de doze pessoas.

Nos reunimos, em dois diferentes momentos, por força dos desastres que mudariam completamente as nossas vidas e de milhões de pessoas em todo o mundo.

Trazemos profundas marcas em nossos corpos, de todas as coisas horríveis pelas quais passamos naqueles primeiros dias tenebrosos nos quais todos ficamos completamente perdidos e também perdemos praticamente tudo que nos mantinha com os pés no chão. São cicatrizes que nos lembram que ficamos sem nenhuma perspectiva ou luz que pudesse dar um rumo a nossas vidas.

Nossos rostos ainda estão transfigurados pelas tormentas que se sucederam violentamente, sem que pudéssemos nos defender e traçar planos. Não nos sentimos mais tranquilos e assim vamos permanecer, cremos, por longos anos, até que as coisas voltem ao normal, se é que um dia irão voltar.

Só tivemos tempo de salvar nossos corpos e fugir em busca de um lugar mais seguro, para aplacar o medo e a incerteza assustadora que tomou conta das nossas almas. Sabemos que não há lugares seguros, mas a busca nos dá essa impressão de conquista e uma pequena esperança.

Nem o céu nem o horizonte enviam sinais. Isso é terrível para quem se habituou a levantar com a aurora, se recolher no crepúsculo e se deitar sob as estrelas. A natureza não é a mesma e tudo nela parece confuso e desordenado. Nossa grande árvore protetora foi subitamente atingida por forças incontrolláveis e ao tombar espalhou todos os nossos ninhos, nos dei-

xando dispersos e confusos, completamente sem rumo.

Aliás, onde foram parar os pardais, as pombas, rolinhas, andorinhas, maritacas e todas aquelas aves que conviviam com a gente e circulavam livremente no ar das cidades e dos campos? Sumiram e não deram mais sinal de vida. Parece que a vida selvagem se recolheu ou simplesmente foi extinta, tal o silêncio que domina o céu, as matas e os mares.

A claridade do dia e a escuridão da noite não trocam mais de lugar nas suas horas. Não anoitece nem amanhece como antes. Isso é pavoroso para todos que precisam entender o que pode ser feito para continuarmos vivos.

Estamos perplexos e sem nenhuma condição de olhar para trás e de ter lembranças suaves e alegres de quem éramos e de como vivíamos antes de tudo isso acontecer.

Temos medo de orar porque a oração desperta as nossas culpas e remorsos. Vem a vontade do chorar e as lágrimas enchem nossos corações de esperanças, que agora julgamos serem vãs e mentirosas. Como é horrível desconfiar de tudo!

Estamos todos sem fé nesse deserto completamente diferente de todos os desertos que conhecemos. Porém, quase todos sabem que acabamos de atravessar o nosso Mar Vermelho e que certamente teremos pela frente os nossos quarenta anos de incerteza e duras provações.

Nenhum de nós tem ideia exata do que estamos fazendo, para onde estamos indo e realmente o que pretendemos. É muito doloroso caminhar sem rumo e sem saber realmente por quê estamos caminhando.

A incerteza é torturante para nós que nascemos e vivemos naquele século de fábricas e de horas controladas, mas eram coisas que tinham começo, meio e fim.

Os mais novos pouco sofrem com essas angústias da suspensão do tempo. Sofrem quando percebem que estamos sofrendo. Para eles tudo é novidade e aventura. Eles são os únicos que sorriem com frequência e espontaneamente. Seguem os nossos passos em busca de um horizonte novo, mas não sabem que, na verdade, nós é que os seguimos. Nem sequer desconfiam que depositamos neles toda a nossa esperança de sobrevivência.

Depois de milênios fugindo do caos natural, buscando a ordem e construindo sociedades sedentárias, voltamos a ser nômades. Somos todos andarilhos, porque não existem mais lugares seguros e definitivos, não há mais endereços nem número de identificação de lugares e pessoas, como nos tempos primitivos.

Não é somente nós que nos deslocamos para o Norte, para fugir da destruição ocorrida no litoral e das ocupações estrangeiras em vários pontos do país. Esse Norte não é somente o ponto geográfico aonde ainda não fomos, mas a direção do desconhecido.

Tudo está muito mudado nas cidades que restaram e também no que sobrou nos antigos campos agrícolas e de criação de gado. Não existe mais aquele Brasil que conhecemos no final do século passado e nessa terceira década do novo milênio. Se ainda existirem indígenas puros eles certamente estão mais felizes do que nós, porque eles são a natureza e estão protegidos de si mesmos.

Só agora entendemos com mais clareza o que aconteceu ao vermos o desmonte político do Estado e a desarticulação dos governos, não só do Brasil, mas também nos países vizinhos.

Parece que tudo foi acontecendo de forma orquestrada e conspiratória, se aproveitando da nossa inércia política e do natural fascínio que temos pelas coisas estrangeiras. Inúmeros brasileiros que trabalhavam no serviço diplomático no exterior começam a voltar ao país, porém se mantiveram ocupados em atividades de colaboração com esses movimentos estrangeiros que foram ocupando todas as nossas regiões e também do continente. Como isso foi acontecendo?

As economias foram atingidas artificialmente, de tal forma que nada podia ser previsto e organizado a curto prazo. Todas as atividades formais foram atingidas pela paralisia e pelos impasses decisórios. Uma moeda virtual, com intensa promessa de lucros rápido e seguros, difundiu-se pela internet e provocou um colapso no sistema financeiro

Nada recuava e também nada avançava.

A vida informal foi aos poucos substituindo os órgãos pú-

blicos e empresas estabelecidas.

As escolas e universidades, públicas e particulares, por mudanças e influências tecnológicas, foram se esvaziando gradualmente e trocadas pelos polos de ensino alternativo.

Talvez a ideia dos governantes seria conter um colapso, uma mudança brusca, para que as ocupações estrangeiras ocorressem sem estranhamentos e traumas.

Os compromissos antigos foram cessando e as responsabilidades aos poucos silenciadas, provocando uma sensação de medo e também de expectativa na população.

Ainda hoje é assim. Ninguém sabe exatamente o que está acontecendo, mas também quase ninguém questiona a fundo, pois é preciso estabelecer um mínimo de estabilidade para tocar a vida e o andamento das coisas.

Muitos têm a nítida sensação de que algo muito estranho vem acontecendo e se atribui isso às primeiras crises registradas no início do século. Milhões de pessoas foram sendo gradualmente tomadas por males físicos e psicológicos.

Obesidade, diabetes, uso de substâncias de emagrecimento e fortalecimento artificial ósseo-muscular; o aumento dos estabelecimentos farmacêuticos e academias de exercícios; e uma verdadeira epidemia mundial de ansiedade, síndrome de pânico e depressão.

O número de suicídios e homicídios entrou em uma escala mundial crescente nunca antes registrada nos dados estatísticos. A busca por grupos de auto-ajuda e adesão a organizações filosóficas e religiosas também cresceu de forma impressionante, exigindo que elas triplicassem seus serviços e formas de atendimento.

A oferta e o consumo de drogas lícitas e ilícitas chegaram a níveis altíssimos. Tudo, é óbvio, atribuído socialmente às mudanças de hábito – e ao mercado de capitais e de trabalho-, porém com alta coincidência e estranha sincronia com fatores e mudanças geopolíticas.

A intensa vigilância e repressão se impôs às atividades criminosas, sobretudo nos núcleos residenciais ainda resistentes. Os armamentos tornaram-se escassos e intensamente denunciados.

Os meios de comunicação ficaram cada vez mais imprecisos e confusos. Os noticiários diminuíram seus conteúdos de atualidades e se voltaram para os serviços de informações de sobrevivência. A internet começou a oscilar, sumindo e reaparecendo. No início surgiu uma grande diversidade de aparelhos celulares e computadores. Aos poucos foram desaparecendo e a comunicação foi ficando restrita e primitiva. Volta e meia surgiam alternativas de nuvens e redes, mas logo desapareciam. Até as bússolas ficaram confusas durante algum tempo, sendo impossível saber por elas onde estavam os pontos cardeais.

No lugar dos supermercados, grandes lojas de departamentos e hospitais, existem hoje postos de abastecimento e distribuição de alimentos, roupas, agasalhos, medicamentos e gêneros de primeira necessidade. No início pediam documentos de identificação para cadastro, porém, algum tempo depois, a distribuição passou a ser feita indiscriminadamente, sem horário definido.

Não há filas, pois existe grande quantidade de estoques disponíveis, sempre acompanhados de manuais de instruções de consumo e também de conduta e proteção. Nesses manuais de conduta não tem explicações do que está acontecendo, mas há instruções de como agir em diversas situações de perigo e como organizar grupos de convívio, defesa e deslocamento seguro.

Para evitar confrontos entre autoridades e criminosos, ocorrem as práticas comunitárias. Elas são simples e hostis às lideranças verticais e ocultas. É incrível e não conseguimos aceitar que, depois de tudo o que vem acontecendo ainda haja pessoas agindo com egoísmo e querendo ter benefícios exclusivos. Querem agir com força e esperteza sobre os demais, realçando uma extrema necessidade de se preservarem. Mas uma grande maioria reage e enfrenta essas situações com coragem e espírito coletivo. O medo, que antes era uma ordem e havia causado a desarticulação social, agora vai sendo canalizando contra a opressão, qualquer que seja.

Os manuais também indicam, com mapeamento detalhado, algumas sugestões de busca de lugares mais seguros,

rotas e pousos de descanso, bem como possíveis destinos e locais para acolhimento e estabelecimento dos grupos em deslocamento. São muitas opções, sempre na direção Norte e próximas das serras e montanhas do sudeste e planalto central.

Tem algo de errado e muito grave acontecendo, mas ninguém questiona a fundo. Estamos tentando entender aos poucos, mesmo porque temos medo de perder o controle e enlouquecer, se soubermos que há uma verdade que não conseguiremos suportar. Oscilamos constantemente entre a razão e momentos de desespero. Por isso os manuais recomendam que nunca fiquemos sozinhos e isolados, por mais difícil que sejam as condições de vida e de relacionamento. “A solidão e o isolamento sempre nos enfraquecem e impedem que lembremos nossas melhores experiências”, dizem os manuais.

Uma multidão de estrangeiros circula pelo país sem que ninguém saiba o que realmente estão fazendo, se são funcionários de empresas multinacionais ou de missões diplomáticas. Isso nos deixa perplexos e curiosos, mas também inseguros. Já havíamos perdido as nossas casas, famílias e também não temos a nossa nação. Que mundo estranho é esse?

Ninguém desconfiava desse movimento estranho até que começaram a circular grandes contingentes militares, sempre acompanhados e orientados por oficiais brasileiros das nossas forças armadas. Não parecem inimigos e sim aliados por algum tipo de acordo ou solidariedade.

Às vezes temos a impressão de que toda essa movimentação tenha sido causada por uma epidemia oculta, talvez batalhas químicas e bacteriológicas, que não foram divulgadas, para evitar situações de pânico.

Os portos, estradas e aeroportos estão completamente isolados e controlados pelo “governo” e seus novos aliados. Vê-se, de longe, muita movimentação nesses locais de trânsito, mas não permitem a presença de pessoas e veículos não autorizados.

O litoral está todo inundado e praticamente desabitado. Como em todos os lugares do mundo, centenas de milhares de pessoas morreram. Uma onda sucessiva de furacões castigou

essas regiões durante anos e paralisou todas as atividades econômicas conhecidas na costa brasileira e também nos países vizinhos. A paisagem só não é mais desoladora porque quase tudo foi encoberto pelas águas, inicialmente muito agitadas e que depois foram se acalmando até permanecerem numa mansidão também assustadora.

Os cientistas já vinham alertando que os furacões dependem da energia dos oceanos e, por isso, a gravidade desses fenômenos aumentaria com o aquecimento global. Falavam também sobre o aumento da incidência dos ciclones, que gerariam ondas e marés de tempestade. Combinadas, colocariam em alto risco as populações e construções costeiras.

Um verdadeiro êxodo vem acontecendo em todas as cidades, empurrando para os planaltos e para o interior os habitantes do litoral e também das grandes cidades litorâneas. Só permaneceram à beira mar as instalações militares, em grandes bases navais construídas em conjunto e compartilhadas com diversos países.

É mais um enigma para ser decifrado.

Quem governa o Brasil agora e o que está acontecendo com os governos em outros lugares do mundo?

Há notícias e fotografias de lugares completamente tomados pelo gelo no hemisfério norte. Cidades inteiras, as mais antigas e conhecidas inclusive, desapareceram debaixo de tempestades de neve e assim permanecem há anos.

Tudo indica que já havia planos de fuga e sobrevivência organizados em conjunto entre nações amigas. Os recursos e equipamentos mecânicos e eletrônicos que vemos eventualmente em uso hoje são completamente desconhecidos do público. Alguns são de causar forte impressão pelo tamanho e proporções nunca vistas. Surgem e desaparecem no mar, nas matas e no céu de forma surpreendente. Tudo indica que são de outros planetas e controlados por alienígenas.

Todos achavam que a China teria sido, como se esperava, o pivô e a causa oculta desses conflitos recentes, porém estamos surpresos com ações deles, completamente fora dos padrões esperados. As relações da China com os tradicionais países líderes hoje são amistosas. Os chineses se articulam

com vários países de tecnologia avançada para implementar ações diplomáticas de parceria e ocupações pacíficas nos territórios não afetados pelos fenômenos telúricos. O número deles e de outros estrangeiros, antes raros no Brasil, triplicou.

Os demais países também optaram pelas mesmas práticas e disputam gentilezas e ações renovadoras com os chineses. Os estabelecimentos e empresas não são mais apenas simples ações de imigração e sobrevivência. Vieram com as universidades, empresas transnacionais e inúmeros profissionais de serviços, geralmente de especialização científica. Poucos brasileiros e sul-americanos nativos estão integrados nessas ações estrangeiras. Os poucos que estão geralmente são cientistas e tecnólogos que já tinham laços e contatos anteriores com eles.

Mas todos, sem exceção, não se manifestavam, nem contra nem a favor. Parecem ser apátridas e pessoas de alta confiança dos estrangeiros, pois convivem com eles e falam fluentemente o inglês.

Por toda parte formam-se grupos de sobrevivência próximo aos centros de orientação e aprendizagem, grandes acampamentos com instalações de tecnologia avançada e pessoal bem treinado para acolhimento e instrução. Não se sabe quem montou e quem controla esses centros. São construções pré-fabricadas, erguidas rapidamente, com instalações complexas, todas de atendimento. Manuais, equipamentos e gêneros básicos são disponibilizados nesses núcleos; e também é ofertada formação prática para os novos grupos de convívio.

Recomenda-se, depois de formados, que os grupos em deslocamento fiquem sempre distantes uns dos outros, para garantir a continuidade dos núcleos. É uma nova lógica difícil de entender e compreender. Não há explicação explícita sobre isso. Tudo parece ser transparente, mas a política tem jeito de conspiração e segredo ideológico.

Existe ao mesmo tempo entusiasmo e também uma certa desconfiança em todos os lugares. Tudo é muito novo e pode causar sempre uma surpresa.

Nas práticas culturais não há nenhum tipo de repressão. Entretanto, lembra-se exaustivamente que existe o risco per-

manente de infiltração de radicais e recuos para abuso de lideranças e hábitos dogmáticos e discriminatórios. A igualdade é um valor muito recomendado e seu maior inimigo é a ideia de exclusividade nos costumes e hábitos.

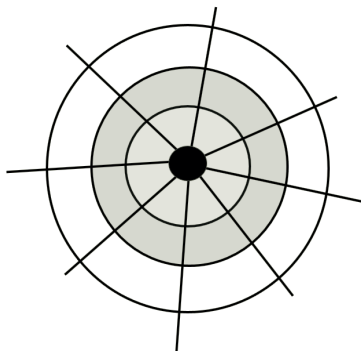
“Se quiser ser exclusivo, seja consigo mesmo, mesmo entre seus pares mais próximos e que também têm o direito à liberdade e exclusividade pessoal”, recomenda uma norma de conduta do manual.

Nosso grupo foi formado seguindo algumas regras de afinidade, de características e compatibilidade de interesses. Cada um de nós foi se aproximando dos centros de orientação para pedir ajuda e logo fomos atendidos e identificados por nossas origens, características e algumas preferências. Estas são, na verdade, escolhas permitidas e que não causam nenhum tipo de discriminação, constrangimento e isolamento. Todas as reivindicações e reclamações, salvo raríssimas exceções, são estudadas, atendidas ou recusadas abertamente.

As atividades genéricas em grandes grupos logo são modificadas por eventos personalizados, menores e específicos. É um mecanismo educativo comunitário de grande e intensa movimentação interna, sem concentração e com repetitivas e persistentes atividades de colaboração, despojamento e desprendimento.

Os vínculos culturais, por meio de trocas e cultivo mútuo e plural, vão se endurecendo e concentrando individualmente; e ao mesmo tempo se afrouxando e dispersando coletivamente.

Os grupos vão ficando compactos e coesos por iniciativa própria. Foi assim que formamos o nosso. Nada escrito e tudo acordado. Nenhuma mudança seria autorizada, com exceção do risco coletivo de vida, antes que chegássemos ao destino traçado. Lá chegando, tudo seria revisado e estabelecida uma outra célula e etapa de organização e convívio.



2 Fuga

Muito antes dessa formação mais completa, o nosso grupo era composto apenas de algumas pessoas, que se encontraram quase que por acaso durante a primeira fuga. Oito pessoas, para ser mais exato: eu, que trabalhava como educador, o mais jovem entre os homens adultos e a minha filha Nadja, adolescente; o meu antigo vizinho, Terêncio, com sua esposa Lívia, e duas filhas jovens, também já adultas -Víbia e Perpétua- e mais uma colega delas - Cássia - quase da mesma idade; um outro vizinho nosso, um pouco mais maduro do que nós - Gerald Lemman - e que morava sozinho em nosso condomínio.

Terêncio era comerciante aduaneiro, dono de uma pequena empresa de importação e exportação. A mulher e uma das filhas eram dentistas. A outra filha era advogada. A colega Cássia também era advogada e sócia de Víbia num escritório. Perpétua trabalhava na capital como designer e artista plástica.

Gerald Lemman é um erudito e sempre conversávamos sobre diversos assuntos, principalmente sobre ocultismo. É de origem judaica e veio para o Brasil com os pais durante o período que antecedeu a guerra entre Israel e o Irã. É engenheiro mecatrônico e trabalhava em uma grande empresa russa de energia que havia se instalado na região Nordeste e também em algumas cidades do litoral de São Paulo. Falava vários idiomas e tinha uma visão muito diferente e curiosa sobre tecnologias avançadas e também sobre temas místicos. Nos conhecemos quando me viu lendo uma obra espiritualista e quis saber o motivo do meu interesse. Meus motivos eram

poucos e simplórios. Já os dele eram, para mim, indecifráveis, tal a profundidade dos seus conhecimentos.

Estávamos refugiados no Vale Verde, ao pé da serra, sob os escombros de viadutos de concreto de uma das antigas rodovias que ligavam o litoral ao planalto. Eram muitos e alguns deles estavam submergidos pelas águas.

Ali permanecemos por alguns dias, sob intenso pavor, nos perguntado como conseguimos chegar ali quando milhares de pessoas sucumbiram durante a fuga. O pânico havia tomado conta da população e todos só pensavam em subir a serra às pressas, pois águas foram tomando conta das ilhas e dificultando os acessos em direção ao continente.

Isso provavelmente tinha acontecido em quase todas as cidades costeiras abaixo da linha do Equador. As capitais litorâneas desapareceram sob as águas. Na região Sul, soubemos que a devastação no litoral foi mais intensa, por causa de sucessivos vendavais. No interior da maioria dos estados os tornados foram se repetindo, violentos e destruidores, como nunca tinha sido visto em nosso país.

Em nossa região os ventos não foram tão fortes, mas o aguaceiro das marés foi intenso e devastador, formando uma corrente violenta em torno das ilhas. Todas as pontes que as ligavam ao continente foram destruídas e submersas. Os morros ficaram abarrotados de gente, tão cheios que os carros eram precipitados nas águas para liberar espaço para centenas de abrigos improvisados.

Havia muita gente sobre os edificios mais altos, sobretudo os mais novos, pois a maioria dos antigos não resistiu à força dos tremores, das ondas e dos ventos.

A quantidade de corpos humanos afogados era impressionante e a de animais mortos era incontável.

Tudo que flutuava era utilizado como transporte entre os pontos mais altos, onde se encontravam os sobreviventes. A maioria das embarcações tinha sido destruída e afundada pelos ventos. Alguns navios que foram surpreendidos pelas tempestades antes de entrarem no porto ainda estavam na barra e ali permaneceram sem que pudessem aportar ou voltar para seus lugares de origem.